

ENTREVISTA

BABALORIXÁ JOÃO BOSCO DO ILÈ OKOWÒ ASÈ IYA LOMIN 'OSA

BABALORIXÁ JOÃO BOSCO DO ILÈ OKOWÒ ASÈ IYA LOMIN 'OSA
BABALORIXÁ JOÃO BOSCO DO ILÈ OKOWÒ ASÈ IYA LOMIN 'OSA

ROCHA, GILDA PORTELLA¹
SILVA, JOÃO BOSCO DA²

Foto: Babalorixá João Bosco



Entrevistador: Você poderia contar um pouco sobre sua trajetória Pai Bosco?

Entrevistado: Me chamo João Bosco, nasci em Cuiabá, mais precisamente no Bairro Dom Aquino, estudei o Ensino Fundamental I, à época Primário, na extinta Escola São José Operário (entre 1972 a 1975) e o Ensino Fundamental II (Ginásio), na extinta Escola Santos Dumont – Polivalente Modelo de Cuiabá (entre 1976 a 1979), ambas escolas localizadas no mesmo bairro onde nasci. E fiz o Ensino Médio, antigo 2ª Grau, na Escola Estadual Presidente Médici, fiz o curso Técnico em Habilitação para o Magistério. Graduei e mestrrei em História pela UFMT. Em se tratando de meu caminho religioso: Nasci em uma família, na qual pai e mãe umbandistas, porém socialmente católicos (risos), às segundas e quintas feiras íamos para o terreiro, ou centro espírita, como meus pais se referia à casa de umbanda. E aos domingos íamos à missa (risos). Bem a cara e jeito do povo brasileiro (entre risos). Assim eu cresci. Me

desiludi com a religião católica ao começar o curso de graduação em história. Bem como, não queria ser umbandista que precisava me esconder de minhas práticas. Aos 24 anos conheci a Doutrina Kardecista e aí fiquei até 31 anos, depois decepcionei-me com essa doutrina. Foi então que comecei a ler sobre candomblé de nação ketu³. E me iniciei no Candomblé em

¹ PPGECO/UFMT. Cuiabá, MT, Brasil. gildaportella.art@gmail.com.br

² Babalorixá, mestre em história pela UFMT, professor de história. Cuiabá, MT, Brasil. dasilvajoabosco@gmail.com

³ Com o processo diaspórico vieram para o Brasil pessoas na condição de escravizados de diversas parte da África e muitas vezes de uma mesma região, e muitas vezes etnias/culturas sócio/religiosas/linguísticas diferentes. Estando no Brasil, essas pessoas procuraram se agrupar rudimentarmente com pessoas de seu grupo linguístico/cultural/religioso

1996. Cumpri todos os protocolos, pormenores e fundamentos nessa nação e fui entronado Babalorixá em 2010 em um Ilê Axé, localizado no bairro Jardim Universitário: Ilê Okowò Asè Iya Lomin'Osa.

Foto 2: Babalorixá João Bosco com os filhos do Ilê



Entrevistador: Fale de sua Casa religiosa: nome, quando foi fundada, está ligada a qual linhagem espiritual.

Entrevistado: O nome de nosso Ilê Axé é Ilê Okowò Asè Iya Lomin'Osa⁴, foi inaugurada em 2010, e está ligada diretamente ao Ilê Aganà Asè Labure, localizado em Gaurulhos-SP, e tempo como sacerdote principal Babá José Humberto- conhecido por Beto d' Igbò. Babá Beto

no qual eles denominaram de NAÇÃO. Desde então afirmarem em algumas nações religiosas, entre ela a Nação Ketu, que compreende a cultura religiosa yorubana com negros oriundos de diversos reinos Yoruba que tem crença em comum em Orixás. A Nação de candomblé Ketu homenageia o Orixá Oxóssi que foi um dos reis no Reino de Ketu em África.

⁴ Ilê Axé é Ilê Okowò Asè Iya Lomin'Osa e Ilê Aganà Asè Labure - Todos os ilês axés antes de ser dado nome do mesmo o Babalorixá ou iyalorixá consulta o oraculo (Jogo de Búzios) para saber quais os orixás são os donos da casa. Só depois é dado o nome a partir dos Orixás revelados no jogo. Em ambos os casos acima os nomes reverenciam dos senhores e senhoras donos dos devidos iles.

foi omorisa⁵ do finado Valdomiro de Xango, popularmente conhecido como Valdomiro Baiano, que a seu tempo foi Babalorixá do Axé Fluminense no Rio de Janeiro. O finado Valdomiro era omorisa da saudosa D.Menininha de Oxum da casa dos Gantois. Portanto, nosso ilê axê pratica seu culto ligado aos fundamentos religiosos da casa dos Gantois⁶, através de minha pessoa e sob as orientações e auspícios diretamente de Babá Beto de Igbò. Nosso ilê Axé, não faz sincretismos religiosos, por entender que enquanto ficarmos procurando comparar o candomblé a outras religiões, estaremos sempre colocando nossa prática à margem ou abaixo das religiões cristãs.

Foto 3: Babalorixá João Bosco com os filhos do Ilê Okowò Aṣṣè Iya Lomin'Osa.



Entrevistador: Destaque o valor e a importância de ter um centro cultural ligado ao terreiro.

Entrevistado: O Centro Cultural Ébano Brasil é o braço civil de nosso ilê axé e cuida da parte administrativa do ilê (receita/despesa, contas a pagar, compras a fazer etc), organiza eventos culturais, entre os quais as Rodas de Conversa que ocorre nos 1º e 3º sábado de cada mês, pensa projetos para o ilê, faz intercâmbios com Movimentos Sociais, especialmente movimentos sociais afro religiosos. Uma

vez omorisa em nosso ilê axé, consecutivamente também é ser membro do Centro Cultural Ébano Brasil e seu mais variados Gt's. A próprias festas para Orixás na minha opinião já se compõem como um evento de envergadura cultural e artística, visto que tais eventos são organizados com pelo menos seis meses de antecedência, e todos os omorisas se envolvem nessa organização: pensam a decoração, o cardápio da festa, as indumentárias a serem usadas por cada um no ato da festa, na limpeza, organização geral do ilê, nas compras a fazer etc etc. Por isso, que encaro cada festa de Orixás em nosso ilê como uma grande manifestação artística e cultural.

Em se tratando da relação com a comunidade acadêmica, procuramos dentro de nossas possibilidades envolver em ações junto ao Coletivo Negro Universitário e NEPRE, assim como

⁵ Omorisa omo =filho; orisa =orixá: então –filho em orixá

⁶ Casa dos Gantois. Refere-se Ilê Iyaomim Axé Iamassê (em iorubá: Iyá Omin Axé Iyá Massê), é um terreiro de candomblé brasileiro em Salvador, localizado no bairro da Federação.

na atual conjuntura estamos realizando muitas ações junto com a RENAFRO (Rede Nacional de Religiões de Matriz Africana e Saúde) e junto ao IMUNE (Instituto da Mulher Negra/Casa das Pretas)

Entrevistador: Quais enfrentamentos já efetuaram e ainda efetuam em sua casa e no centro cultural.

Entrevistado: Creio que só o fato de edificar um templo de culto africano de Candomblé de Nação Ketu, no qual seus membros além de não praticar o sincretismo religioso, ainda faz severas e duras críticas a essas práticas, em uma cidade tão preconceituosa como é Cuiabá e a cuiabania, na qual as manifestações de racismo religioso são constantes, seja de forma velada ou escrachada, já é uma forma de enfrentamento/resistência ao racismo religioso/estrutural. O fato de não medirmos nenhuma dificuldade em nos fazer presente em manifestações antirracista, na luta por uma sociedade não homofóbica, na luta contra a violência contra a mulher e pelo garantia de direitos às mulheres em especial à mulheres negras, tenho a certeza é uma forma de ser resistência a essa sociedade injusta, e que nos últimos tempos, especialmente com o advento da ultra direita no poder político e com uma bancada da bíblia, que tenta fazer de tudo para voltar a silenciar as manifestações afro religiosas, é sem dúvida resistir e não se calar.

Foto 4: Babalorixá João Bosco com os filhos do Ilê Okowò Asè Iya Lomin'Osa.



Entrevistador: As guias, roupas, músicas, danças e os banhos, além do conteúdo religioso são expressões artísticas e culturais?

Entrevistado: Nós de Candomblé de Nação Ketu não usamos guia e sim FIOS DE CONTA, não temos música e sim CANTIGAS SAGRADAS, não temos dança e sim XIRE E RUM, não temos banhos e sim OMI ERÓ – Lógico são expressões culturais de um povo com seu jeito de ser, existir e louvar.

NÃO TEMOS GUIAS e sim FIOS DE CONTA. Cada Orixá tem suas cores

Os trajes femininos muito pouco tem a ver com África pré-colonial, as primeiras praticantes de candomblé fizeram uma adaptação dos trajes usados no brasil colonial, mesclando com trajes africanos.

Ijexa é o ritmo para a Orixá Oxum, Yemonjá e Oxalá, é um ritmo mais lento

Bata para Oum

Ilú para Oya

Bravum é o ritmo para orixás mais guerreiros como Ogum, Oya;

Opanijé e Sató – para os Orixás da Família Iji;

Aguerê – para os Odés,

Alujá – para Xango, Ayra, Obá e Oya

Para nós de Candomblé de Nação Ketu, não existe enfeites, adornos, tudo que é usado nos espaços de um Ilê Axé é sagrado e tem um valor religioso, portanto o valor não estético para decorar ambiente e sim porque é necessário para o culto.